Arquitetura, Território e Contracolonialidade: estudo de caso com um olhar sobre as comunidades tradicionais quilombolas da pitombeira e da serra do talhado, paraíba, à luz das leituras ancestrais de Ailton Krenak e Antônio Bispo dos Santos.

Architecture, Territory, and Counter-coloniality: A case study focusing on the traditional *quilombola* communities of Pitombeira and Serra do Talhado, Paraíba, in light of the ancestral perspectives of Ailton Krenak and Antônio Bispo dos Santos.

Arquitectura, territorio y contracolonialidad: un estudio de caso centrado en las comunidades tradicionales *quilombolas* de Pitombeira y Serra do Talhado, Paraíba, a la luz de las perspectivas ancestrales de Ailton Krenak y Antônio Bispo dos Santos.

Autor1. Arnaldo Sucuma. Assistente social. UNIFIP. arnaldosucuma@fiponline.edu.br. https://orcid.org/0000-0001-8790-8369

Autor2. André Gonzaga Falcão. Arquiteto e Urbanista. UNIFIP. andrefalcao@fiponline.edu.br. https://orcid.org/0000-0001-9909-0592

Autor3. Uriel Lucas dos Santos. Arquiteto e Urbanista. UNIFIP. urielsantos@fiponline.edu.br. https://orcid.org/0000-0002-9990-7598

Autor4. Patrícia Costa e Silva Cruz Soares. Arquiteta e Urbanista. UNIFIP. patriciacruz@fiponline.edu.br. https://orcid.org/0009-0007-2151-6275

Autor5. Emilly Pereira de Andrade. Estudante de Arquitetura e Urbanismo. UNIFIP. emillyandrade@arq.fiponline.edu.br. https://orcid.org/0009-0004-3992-7505

Autor6.Carlos Ferreira da Silva. Pedagogo. UNIFIP. carlossilva@fiponline.edu.br. https://orcid.org/0009-0001-7694-8856

Autor correspondente: Arnaldo Sucuma - arnaldosucuma@fiponline.edu.br

Autor correspondente: Arnaldo Sucuma - arnaldosucuma@fiponline.edu.br

DOI: 10.61223/coopex.v17i02.8688

Submetido: 09/08/2026

Aprovado: 27/09/2026

ISSN 2177-5052

Resumo

Este artigo analisa as concepções de lugar e arquitetura nas obras *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), de Ailton Krenak, e *A terra dá, a terra quer* (2023), de Antônio Bispo dos Santos, destacando suas perspectivas ancestrais sobre a relação com a terra. Neste condão traçar perspectivas de pertencimento, de autoconhecimento são basilares para evidenciar que as comunidades tradicionais quilombolas da Serra do Talhado e Pitombeira, localizados na Paraíba, sofreram historicamente para fixar seu habitat além de demandas sociais, políticas, econômicas, estruturais, dentre outras. Metodologicamente, a pesquisa baseia-se em um estudo de caso com uma abordagem qualitativa, com análise documental e bibliográfica, fruto de diálogos e visitas técnicas *in loco.* Como produto final os resultados desembocaram para entrega de um documento com proposta de revitalização hídrica, dificuldade comum aos dois territórios quilombolas além do processo educacional em Direitos Humanos como forma de resgate histórico da ancestralidade, com ênfase no memorial coletivo, reforçando a conexão entre saberes ancestrais e soluções contemporâneas.

Palavras-chave: Território; Ancestralidade; Comunidades tradicionais quilombolas; Direitos Humanos.

Abstract

This article analyzes the concepts of place and architecture in the works *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019) by Ailton Krenak and *A terra dá, a terra quer* (2023) by Antônio Bispo dos Santos, highlighting their ancestral perspectives on the relationship with the land. In this context, outlining perspectives of belonging and self-knowledge is fundamental to demonstrating that the traditional *quilombola* communities of Serra do Talhado and Pitombeira—located in Paraíba—have historically struggled to establish their settlements, amidst various social, political, economic, and structural demands, among others. Methodologically, the research is based on a qualitative case study involving document and literature analysis, resulting from dialogues and on-site technical visits. The final outcome was a proposal for water revitalization—addressing a challenge shared by both *quilombola* territories—alongside a human rights education initiative aimed at reclaiming ancestral history; this initiative emphasizes collective memory and reinforces the connection between ancestral knowledge and contemporary solutions.

Keywords: Territory; Ancestrality; Traditional Quilombola Communities; Human Rights.

Resumen

Este artículo analiza los conceptos de lugar y arquitectura en las obras *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019) de Ailton Krenak y *A terra dá, a terra quer* (2023) de Antônio Bispo dos Santos, destacando sus perspectivas ancestrales sobre la relación con la tierra. En este contexto, delinear perspectivas de pertenencia y autoconocimiento es fundamental para demostrar que las comunidades tradicionales *quilombolas* de Serra do Talhado y Pitombeira—ubicadas en Paraíba—han luchado históricamente por establecer sus asentamientos, en medio de diversas demandas sociales, políticas, económicas y estructurales,

ISSN 2177-5052

entre otras. Este artículo analiza los conceptos de lugar y arquitectura en las obras *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019) de Ailton Krenak y *A terra dá, a terra quer* (2023) de Antônio Bispo dos Santos, destacando sus perspectivas ancestrales sobre la relación con la tierra. En este contexto, delinear perspectivas de pertenencia y autoconocimiento es fundamental para demostrar que las comunidades tradicionales *quilombolas* de Serra do Talhado y Pitombeira—ubicadas en Paraíba—han luchado históricamente por establecer sus asentamientos, en medio de diversas demandas sociales, políticas, económicas y estructurales, entre otras.

Palabras clave: Territorio; Ancestralidad; Comunidades tradicionales quilombolas; Derechos Humanos.

1 Introdução

O presente artigo é resultado de estudos de textos realizados no quadro da execução do projeto de extensão em rede intitulado “Direitos Humanos, Cultura e Impactos sociais, políticos, econômicos do Processo Colonial e Neocolonial no contexto contemporâneo: uma troca de experiências entre Brasil e Guiné-Bissau”. O desenvolvimento desse projeto envolve instituições de ensino superior brasileiras tais como Centro Universitário de Patos – UNIFIP, a Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Por parte da Guiné-Bissau contou-se com a participação da Universidade Amílcar Cabral (UAC) e a Faculdade de Direito de Bissau (FDB).

Cabe salientar que a implementação deste projeto se deu nos seguintes espaços: Comunidade tradicional Quilombola da Pitombeira na cidade de Várzea, Comunidade tradicional Quilombola Serra do Talhado em Santa Luzia, Comunidade Sete Casas em Patos, Assentamento rural da comunidade de Campo Comprido em Patos e Escolas públicas em Patos, sendo os dois primeiros, objetos de estudo do presente artigo.

Ao se estabelecer contatos com estas comunidades, motivou a necessidade de desenvolver estudo bibliográfico que permitiria compreender melhor o assunto estudado pelo projeto.

Com base nesse cenário percebeu-se a necessidade de construir um artigo com um pendor de caráter bibliográfico.

No advento do terceiro milênio é possível observar os danos irreparáveis aos recursos

e meios naturais do planeta, a devastação cultural e as violações aos direitos humanos em suas diversas esferas, ambos resultantes dos processos de colonização, e que se perpetuam na contemporaneidade, como as práticas neocoloniais de exploração na sistemática do capital financeiro mundial.

Como alternativa a este cenário destrutivo e a visão que os recursos naturais são puramente comercializáveis, as percepções ancestrais dos povos originários trazem outras visões sobre as relações humanas e com o lugar habitado capazes de promover integração, sustentabilidade e empatia com o meio natural.

O conceito de lugar e a relação com a arquitetura têm sido temas centrais em muitas abordagens acadêmicas, mas poucas perspectivas têm uma abordagem ancestral e ao mesmo tempo contextualizadas ao meio natural quanto as oferecidas por líderes indígenas e quilombolas. Ailton Krenak (1953), um dos mais importantes pensadores indígenas do Brasil, e Antônio Bispo dos Santos (1959-2023), um representante da sabedoria quilombola, oferecem visões profundamente enraizadas nas suas respectivas cosmovisões e nas experiências de seus povos e suas relações com o meio que habitam.

Para Krenak (2019), o lugar é entendido não apenas como um espaço físico, mas como um elemento vital que conecta a espiritualidade, a natureza e a memória ancestral. Sua visão da arquitetura é, portanto, uma expressão de harmonia com a terra e de respeito ao cosmos. Neste sentido, Bispo dos Santos propõe uma compreensão do lugar que também dialoga com a resistência, com a preservação da identidade e com a construção coletiva, onde a arquitetura se desvia das lógicas coloniais e se reconecta com a história e as necessidades comunitárias e locais.

Neste artigo, exploram-se as concepções de lugar e arquitetura sob a ótica de Ailton Krenak e Antônio Bispo dos Santos, refletindo sobre como essas visões contrapõem às formas convencionais de pensar o espaço, a habitação e as relações entre as pessoas e o ambiente na atualidade. Sendo assim, objetivam-se ressaltar essas perspectivas, expandir a compreensão sobre as diversas formas de habitar e valorizar a importância de respeitar e incorporar saberes ancestrais e periféricos no campo da arquitetura, assim como nas relações de pertencimento aos territórios.

2. Métodos

Para a realização deste estudo, optou-se por uma abordagem metodológica qualitativa, considerando que as informações, em grande parte, não podem ser quantificadas, só podem ser entendidas utilizando-se da ferramenta metodológica qualitativa. De acordo com Flick, "A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida" (Flick, 2009, p. 20). O trabalho é um estudo de caso, e está fundamentado na pesquisa comparativa de autores, com o objetivo de levantar e analisar questões relacionadas a ideia de lugar e de arquitetura nas obras "Ideias para adiar o fim do mundo, 2019" de Ailton Krenak e "A terra dá a terra quer, 2023" de Antônio Bispo dos Santos, em uma perspectiva global. Os conceitos abordados nestas duas bibliografias puderam ser visualizados parcialmente através do diálogo com as Comunidades tradicionais quilombolas da Pitombeira, na cidade de Várzea; e da Serra do Talhado, em Santa Luzia. As discussões sobre as temáticas também foram estendidas em palestras formativas com as escolas públicas da cidade de Patos.

O artigo está estruturado em quatro seções. A primeira, introdução, que apresentará a problemática abordada e a justificativa do trabalho. A segunda, a metodologia adotada. A terceira, que desenvolverá o quadro teórico da pesquisa que aborda a conceituação e discussão acerca do lugar, da arquitetura e do território no viés ancestral a partir do diálogo entre as visões de Krenak (2019) e Bispo dos Santos (2023), tendo ainda, a contextualização e a confrontação acerca da produção da arquitetura e das cidades na atualidade em frente às problemáticas globais atuais. A quarta parte, que apresentará uma discussão e o resumo dos principais apontamentos levantados pelos autores aplicados às realidades que o projeto de extensão "Direitos Humanos, Cultura e Impactos sociais, políticos, econômicos do Processo Colonial e Neocolonial no contexto contemporâneo: uma troca de experiências entre Brasil e Guiné-Bissau" pôde ter tido contato. Por fim, a quinta parte, que reunirá as conclusões e reflexões resultantes da pesquisa realizada.

ISSN 2177-5052

3. Resultados e Discussões - Quadro Teórico

3.1. Lugar Como Expressão De Pertencimento Ancestral

A arquitetura e o projeto de lugar, enquanto práticas culturais e materiais de construção do espaço, têm sido historicamente influenciados por protótipos euro centralizados que tratam o território como fonte de recursos e mercadoria e a edificação como tradução das demandas de estratos sociais específicos e restritivos. No entanto, a visão decolonial, evidencia a necessidade de rever as bases a partir de outras matrizes holísticas. As ideias e concepções para a interpretação do lugar dentro da cosmologia indígena e quilombola estão estritamente relacionadas com a percepção sensível, espiritual e afetiva de sua pertença. Diferentemente das perspectivas ocidentais em que há uma fragmentação e ressignificação do espaço em propriedades e produtos, sejam esses urbanos ou rurais, os povos tradicionais e originários compreendem o lugar enquanto uma extensão da sua própria existência.

Para Bispo dos Santos (2023) discorre sobre o lugar como o território em que os humanos e não humanos estabelecem relações de forma orgânica, por meio do compartilhamento e não pelo controle. Nesse entendimento, da simbiose entre o *Ser* e o *Lugar* Bispo dos Santos (2023) destaca a contraposição entre o Necessário e o Importante do *Ser* com o *Lugar*: “A cosmofobia é responsável por esse sistema cruel de armazenamento, de desconexão, de expropriação e de extração desnecessária” (Bispo dos Santos, 2023, p. 14).

Nesse sentido, a conceituação de lugar ancestral está vinculada ao território onde são inscritas as memórias, os saberes e as práticas que formam a identidade de um povo, sendo espaço de pertencimento e continuidade. Krenak (2019), compartilhando dessa perspectiva, endossa a ideia afirmando que o território é um organismo vivo, não somente espaços físicos, material. A referida ideia é perceptível em trechos das obras dos autores quando rementem ao lugar enquanto *lócus* da espacialização do pertencimento cósmico entre humanos e natureza e propondo a ideia de território-corpo, em que o lugar é extensão da vida. Parte da cosmologia da sua experiência/existência é ilustrada na figura do rio Doce – o *Watu* – considerando-o seu avô, em uma relação de familiaridade, pertencimento parental e respeito. De tal modo, outra entidade de personalidade própria é a serra *Takukrak* em interação com os moradores da sua aldeia:

ISSN 2177-5052

> Quando ela está com uma cara do tipo ‘não estou para conversa hoje’, as pessoas já à ficam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: ‘Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser (Krenak, 2019, p. 11).

O lugar, assim, não é plano passivo da vida, de mesmo modo as entidades não humanas, é um agente dotado de sentido e de possibilidade de orientação para as práticas sociais e compreensões espirituais.

O pertencimento, discutido neste universo pelos autores, desvincula-se da lógica que consolida o entendimento da propriedade privada e da apropriação produtivista do espaço: a racionalidade de colonização em sua base. O lugar aqui assume a relação de memória e *envolvimento* – palavra oposta à noção ocidental de *desenvolvimento*, condição de cromofobia e desconexão. A estruturação da ideia se respalda no princípio de que a existência não está desassociada à terra, água, plantas animais e espíritos tendo um conceito relacional, onde o espaço é vivido, sentido e cuidado, e não apenas ocupado ou explorado. Sob esse viés, pensar o lugar exige um deslocamento epistemológico: da objetividade para a convivência; da exploração para o cuidado; da posse para o pertencimento.

3.2. Arquitetura Dos Modos De Vida: Entre A Oralidade E A Materialidade

A arquitetura, ao espacializar a cultura de determinados nichos sociais, transforma-se em reflexo das tradições, valores e crenças de uma sociedade. Ela não apenas constrói edifícios, mas também molda a experiência humana em espaços que expressam a identidade cultural. Os processos de arquiteturas[1] dentro das perspectivas ancestrais se configura uma pratica autônoma, desviando-se do aspecto puramente técnico. Diversamente, ela está integrada ao cotidiano e à natureza, materializando-se a partir dos modos de vida, dos saberes que são difundidos de forma oral e adaptada ao ecossistema.

Bispo dos Santos (2023) apresenta o processo de construção em sua aldeia, em uma prática genuinamente vernacular: casas construídas com materiais locais – adobe cru, palha, taipa – e desenhadas em conformidade à climática local. Além da materialidade de execução, o que também é observado é a ritualística da construção:

[1] No plural, arquitetura aqui deve ser visualizada em suas múltiplas possibilidades do fazer e envolta de saberes.

> Na favela, a construção de uma laje acontece de forma parecida. Uma parte das pessoas vai fazer a comida, outra parte vai fazer o concreto, todo mundo faz alguma coisa. A laje é isso: você vai na favela no final de semana e todo mundo quer fazer um churrasco na laje. (Bispo dos Santos, 2023, p. 40).

A partir da colonialidade, caracterizada seu padrão de poder, a arquitetura, por muito, traduziu uma perspectiva que modelou instituições e reproduziu nesse ato a dependência histórico-estrutural de pensamentos e estilos legitimamente eurocentrados. A partir das perspectivas de Krenak (2019) e Bispo dos Santos (2023), propõe-se uma reorientação da arquitetura que rompa com a lógica eurocêntrica do espaço. Matoso (2020) provoca a partir da pergunta "Como seria o Brasil se os índios e os negros tivessem influenciado e tido voz na formação das cidades e sua arquitetura?" e evoca reflexões acerca não apenas das limitações das construções arquitetônicas, ou do planejar urbano, mas de todo aparato cultural e social imposto a partir do processo colonizatório. A arquitetura decolonial, de raízes ancestrais, surge como um elemento de resistência, que não é limitada a partir das alterações formais, mas implica em uma mudança de paradigma.

É possível dizer que a "arquitetura ancestral" é intrínseca dos saberes comunitário, da coletividade e da sensibilidade experimentada no espaço. Da mesma maneira que as técnicas são compartilhadas, a configuração espacial dessa arquitetura também é movida pela partilha: nas favelas, uma laje que já é executada para a futura construção de um filho, neto, etc.; nos quilombos, um quintal que é destinado para uma futura casa de um membro da comunidade. A perspectiva é de uma arquitetura orgânica, de confluência e de necessidade, e não de dominação e de acúmulo, cenário visto na arquitetura hegemônica, produto de mercado. De tal modo, a construção parte de um ato recíproco, enquanto por muitas vezes foi considerado um gesto de imposição.

Ao tratar da arquitetura como prática enraizada, é fundamental compreender o território não apenas como suporte físico, mas como espaço vivido e significante. A arquitetura, nesse sentido, se torna linguagem que articula o tempo, a memória e a identidade coletiva de um povo. Portanto, compreender a arquitetura como prática cultural enraizada exige o reconhecimento das experiências dessas comunidades, a ecologia dos saberes defendida por Santos (2007), da diversidade das formas de habitar e das múltiplas racionalidades que compõem o fazer arquitetônico.

ISSN 2177-5052

3.3. Cosmologias de Resistência: Contracolonização e Reexistência dos Saberes

As resistências presentes nas cosmovisões de Antônio Bispo dos Santos e Ailton Krenak não se dão somente com o enfrentamento, mas com a produção de outros mundos, da pluralidade de visões, por meio da reexistência. A arquitetura, o território e os modos de viver transformaram-se manifestações de uma cosmologia que sobrevive aos ataques do colonialismo em suas *performances* contemporâneas, remanescentes de um passado predatório e de exploração. O termo "contracolonização" atribuído por Bispo dos Santos (2023) refere-se ao movimento de reversão dos efeitos do processo de desterritorialização e apagamento cultural promovido pelo projeto colonização moderna. Na resistência desse processo, ela ainda reforça a "guerra das denominações", que consiste na revalorização das chamadas palavras potentes, como *biointeração* em oposição a *desenvolvimento sustentável*, *envolvimento* contra a palavra *desenvolvimento*[2].

Ailton Krenak (2019) em uma metáfora sobre adiar o fim do mundo através do reconhecimento das subjetividades coletivas e continuidade das narrativas. O processo de *reexistência* dos povos nativos no projeto civilizatório se dá com a preservação do seu modo de estar no mundo, com cantos, danças, ritos e outras práticas. A manutenção da identidade da comunidade rompe com a noção de "humanidade" homogênea, que necessita participar de um "clube" civilizado. Ao questionar essa necessidade, a ligação com a Terra, com o cosmo, é mantida.

Para finalizar – na prática, abrir mais discussões –, ambos os autores tecem críticas à monocultura das ideias e defendem a diversidade ontológica. Convergindo a essas perspectivas, Kopenawa (2010) descreve a floresta como um cosmo povoado em que a manutenção dos saberes e práticas ancestrais é condição para a preservação desse espaço povoado por seres e espíritos. Desse modo, o lugar e arquitetura assumem uma posição além das dimensões técnicas e físicas, e tornam-se um campo de disputa ontológica, reconhecendo a existência de mundos plurais sob a imposição de um mundo único e colonizador.

4. Resultados

[2] Destaca-se esses dois termos no cenário em que se percebe a venda de ideias "verdes" e "sustentáveis" em um plano de apropriação de espaços e aquisição de novos consumidores. Visto como uma oportunidade de desenvolvimento, os benefícios para as populações locais impactadas são, por vez, limitados em comparação com os problemas causados, não havendo uma distribuição equitativa entre indivíduos envolvidos, além de danos nos planos socioambiental, fundiário e econômico (Nunes, *et al*, 2021; Farias, *et al*, 2021; Barbosa de Aquino, *et al*, 2024).

Em termos de resultados, depois de um período de estudo dos textos que discutem sobre a realidade similares das comunidades em que o projeto foi implementado, tais como comunidades quilombolas da Pitombeira e Serra do Talhado, localizadas no sertão da paraíba, vítimas do processo colonial, da colonialidade, partiu-se para uma fase de diagnóstico de alternativas técnicas viáveis, capazes de ajudar na resolução dos problemas das comunidades parceiras do projeto. Para isso, precisou-se criar as condições políticas e técnicas de construção coletiva, que culminou com os seguintes resultados.

4.1. Difusão e discussões sobre Território, Decolonialidade e Ancestralidade

A leitura das obras de Krenak e de Bispo dos Santos possibilitou um significativo arcabouço acerca da noção de territórios, decolonialidade e ancestralidade e, consequentemente, seus impactos, na vida das populações. Em "Ideias para adiar o fim do mundo", Krenak expõe de forma incisiva a questão da humanidade homogênea em um processo de desconexão com natureza, propondo, assim, uma reconexão como forma de "adiar o fim do mundo". A percepção dos povos originários, ainda segundo o mesmo autor, vai além da dimensão material que compõe o meio natural, contrapondo-se a visão ocidental redutiva que caracteriza, resumidamente, como "recursos naturais". Nessa dimensão, montanhas, rios e tudo mais que é percebido pelos sentidos e interpretado por esses indivíduos estabelece relações de afeto e troca. A “humanidade zumbi” criticada por Krenak difunde a ideia do fim do mundo para que haja esse desapego às singularidades e diversidade, o desprendimento da dimensão particular que compõe a humanidade como uma constelação de seres atraídos por suas diferenças.

Alinhado ao pensamento de Krenak sobre a desconexão com a natureza, Antônio Bispo dos Santos, em "A terra dá, a terra quer", vem a discutir esses aspectos fazendo uso do conceito de "cosmofobia", que pode ser combatido com a visualização do plural, desde as várias manifestações do divino com o politeísmo, ao movimento de "contracolonização". Ao endossar essas ideias, Bispo dos Santos distingue "sociedade colonialista" da "comunidade" em que esta segunda tem a arte como "conversa das almas" e não uma mercadoria, como é proporcionada pela primeira. Dentro dessa discussão, o conceito de *necessidade* e *utilidade* pode ser resgatado quando o mesmo autor reforça a importância da construção de relações de

necessidade sobre as relações de utilidade e a construção da sabedoria dos povos que vivem em comunhão com a natureza, onde esta relação prevalece sobre a lógica da acumulação e do dinheiro.

As contraposições abordadas por Bispo dos Santos perpassam a questão léxica, com a "guerra das denominações", como forma de potencializar as palavras ancestrais e rever conceitos que reforçam ideais colonizadores. A construção das cidades e os vieses motivadores de Arquitetura também são permeados por essas contraposições. O autor apresenta a arquitetura quilombola como reflexo de uma cosmovisão baseada no compartilhamento e na celebração da coexistência, onde o uso de materiais locais e espaços como o quintal e a cozinha assumem uma posição essencial na materialização da conexão com o território.

Destarte, o entendimento sobre a relação da comunidade com a terra em seu histórico de territorialidade e resistência, tomando como base os discursos de Krenak e Bispo do Santos, conduziu a abordagem e o contato com as duas comunidades quilombolas, envolvidas nesta experiência de pesquisa: a Comunidade Quilombola da Pitombeira, Várzea, Paraíba e Comunidade Quilombola de Serra do Talhado, Santa Luzia, Paraíba.

4.2. A questão hídrica e o pertencimento da comunidade com a terra: Sobre a implantação de reservatórios de água na Comunidade Quilombola da Pitombeira, Várzea, Paraíba.

Os conhecimentos alcançados por meio das obras de Krenak e Bispo do Santos foram basilares, em uma perspectiva simbólica e conceitual, para a construção do parecer técnico com o objetivo de indicar os locais com maior potencialidade para a implantação de reservatórios de água (cisterna de captação de água para consumo humano, barragem subterrânea, açude) Comunidade Quilombola da Pitombeira, na cidade de Várzea, no estado da Paraíba, Brasil (ver Figura 1). Assim como todo o território do semiárido brasileiro, a comunidade que teve sua origem na segunda metade do século XIX a partir de ex-escravizados[3], enfrenta a ausência de chuvas e longos períodos de estiagem, resultando no desparecimento dos cursos de água intermitentes durante os períodos de seca. Atualmente, esse cenário é contornado com o abastecimento feito por carros-pipa. Até o período das visitas

[3] Inácio Félix, Severino, Simplício e Gonçalo Fogo (Sousa, 2011)

ISSN 2177-5052

técnicas, a distribuição de água pelos carros estava suspensa, fato este que agrava a situação da comunidade.

Figura 1 – Visita na Comunidade Quilombola da Pitombeira, na cidade de Várzea, no estado da Paraíba.



Fonte: Acervo dos autores (2025).

O que Krenak aborda sobre a relação essencial entre e humanidade e a Terra, e a visão de Bispo dos Santos sobre a entidade presente no rio além de um "recurso" reforçam a importância do acesso à água além de uma mera solução técnica, mas como a manutenção da vida de uma localidade, no aspecto mais primitivo do sentido do assentamento. O estudo de viabilidade para os reservatórios Comunidade Quilombola da Pitombeira se deu a partir de visitas à comunidade e escuta ativa aos moradores, com a finalidade de compreender as necessidades e sua relação com a localidade. A indicação dos possíveis locais para os reservatórios, com o auxílio de profissionais técnicos de forma interdisciplinar e integrada, considerou, além dos aspectos técnicos, a perspectiva de uma gestão responsável e sustentável, oferecendo subsídios, futuramente, para a agricultura familiar e dessedentação animal. A interpretação desse cenário está alinhada com a visão de Bispo dos Santos quando ressaltamos os conceitos de *autogestão* e *compartilhamento* em posição contrária às propostas de "politica" colonialista dissociada da população, deficiente no diálogo direto.

ISSN 2177-5052

4.3. Reforços para a subsistência: A revitalização do reservatório na Comunidade Quilombola de Serra do Talhado, Santa Luzia, Paraíba.

No mesmo âmbito de estudo, indicou-se por meio de Parecer Técnico a revitalização de um reservatório, açude, existente na Comunidade Quilombola de Serra do Talhado, em Santa Luzia, Paraíba (ver Figura 2). A comunidade – que teve sua origem ainda no período escravista, 1860, no topo da Serra do Talhado, pelo negro Zé Bento (Sousa, 2011) – apresentou problemas com o assoreamento do reservatório e com baixa capacidade de armazenamento de água; com a vegetação de pequeno porte que se desenvolveu pela área, provocando a redução do espaço de acúmulo; e vazamento no barramento de terra do reservatório. Dessa forma, um processo de revitalização, com movimentação de terra para desassorear o açude e a reconstrução do barramento torna-se necessário.

Figura 2 – Visita na Comunidade Quilombola de Serra do Talhado, em Santa Luzia, Paraíba.



Fonte: Acervo dos autores (2025).

A comunidade está localizada numa região de difícil acesso e de terreno muito acidentado, o que impossibilita implantação de outras formas de captação. A revitalização do açude, com movimentação de terra para desassoreamento e requalificação do barramento, visa restaurar a capacidade do reservatório e suprir as necessidades de dessedentação animal e agricultura familiar, tendo em vista a deficiência da rede de abastecimento de água existente. A perspectiva de Krenak sobre a resistência dos povos na manutenção da memória profunda da terra aqui é crucial. A ação de revitalizar um açude já existente é um meio de honrar a

memória e a relação ancestral da comunidade com a terra, além da lógica de exaustão dos meios naturais. O que também é possível apontar com a proposta dessa medida é o respeito aos modos de autonomia da comunidade, conversando com a ideia do “envolvimento”, dando lugar ao “desenvolvimento”, este que supera a natureza e desconecta os indivíduos da natureza (Bispo dos Santos, 2023, p. 16).

4.4. Construindo ideias: A promoção de palestras sobre prevenção da violência, direitos humanos e cidadania

A promoção de palestras nas escolas municipais e estaduais sobre a prevenção da violência nas escolas, direitos humanos e cidadania deu continuidade as discussões sobre Lugar e Arquitetura, pondo em pauta as relações humanas na construção da sociedade (ver Figura 3). As raízes da violência expostas por Krenak e Bispo dos Santos estão engendradas ao ideal eurocêntrico da colonização em uma justificativa de trazer a luz e a ordem da civilização a uma humanidade obscurecida. As consequências dessa colonização puseram um sistema de negação da pluralidade de vidas e hábitos na formatação de uma sociedade homogênea. A cosmofobia aqui é perpetuada nas manifestações dessa violência, no desmonte da alteridade e no paradoxo entre acúmulo e desperdício.

Para que haja um efetivo estimulo educacional sobre a prevenção da violência e a promoção dos direitos humanos e da cidadania é necessário assumir uma perspectiva decolonial, plural, que visualize as diferentes formas de vivências e a conexão com a Terra. O reconhecimento dessa diversidade conduz a uma sociedade menos violenta, baseada na confluência de saberes e capaz de superar “as nossas incapacidades de estender a visão a lugares para além daqueles a que estamos apegados” (Krenak, 2019, p. 27).

Figura 3 – Palestra na 6ª Gerência Regional de Ensino no município de Patos, Paraíba.

ISSN 2177-5052



Fonte: Acervo dos autores (2025).

Desse modo, ao abordar essas temáticas no ambiente escolar, é possível contribuir na formação de uma nova geração pensante que compreenda a diversidade, a alteridade, e a responsabilidade com a unidade que é composta pelo indivíduo e o território. Em consonâncias com as ideias de Krenak e Bispo dos Santos, o pensamento *contracolonial* e a possibilidade de "contar mais uma história" além das suas próprias vivências permitem "adiar o fim do mundo"

5. Considerações finais

Os autores abordados neste artigo têm em comum uma história em que suas culturas e seus antepassados foram vítimas do processo colonizatório.

Os dois autores principais abordados neste artigo têm uma abordagem singular e específica sobre a terra. Considerando que os dois são originários de povos tradicionais, nomeadamente de origem quilombola e indígena.

Neste caso, existe uma ligação entre os estudos desenvolvidos pelo Krenak e Bispo com o propósito do projeto em questão, executado na Comunidade tradicional Quilombola da Pitombeira, Comunidade tradicional Quilombola Serra Talhado. Inclusive, essas comunidades enfrentam problemas de ordem hídrica ligado a escassez de fornecimento da água potável nesses territórios e outros.

Para comunidades tradicionais, o uso comum do território como uma Comunidade

Quilombola tem seguintes significados: a comunidade precisa ter características camponesas, mesmo sendo impactada por influências externas, mas, mantendo o controle do território e seus recursos, formulando as regras específicas para o uso da terra. Precisa construir a unidade das famílias que compartilham o mesmo espaço de produção, com autonomia produtiva da comunidade. Todas as famílias gozam de mesmos direitos do uso de território.

A resiliência das comunidades tradicionais quilombolas da Paraíba, Serra do Talhado e Pitombeira analisadas à luz das obras de Krenak e Bispo dos Santos, são indiscutivelmente exemplos incontestes desta contradição histórica: enquanto a lógica colonial reduz o território a recurso, suas práticas ancestrais reafirmam que a terra é, antes de tudo, dinâmica, um corpo vivo.

E, como tal, deve respeitar os processos de identidade, de pertencimento, de luta e corroborar com uma incansável busca por melhores condições de vida nos mais diversos aspectos, sabidamente na voz dos próprios componentes dos territórios, sanando a problemática da escassez de água, ponto crucial em ambos os casos, pois os recursos hídricos sintetizam a própria vida.

Como parte das visitas técnicas *in loco,* dos diálogos constantes para audição dos próprios interessados, eclodiram outras ideias e pensamentos a serem desenvolvidos como parte da estruturação dos estudos em Direitos Humanos, para traçar estratégias educativas e formativas das comunidades tradicionais quilombolas, evitando sua descaracterização natural ou seu processo de invisibilidade social.

Como parte das contribuições que o mundo da academia pode oferecer a tais territórios se evidencia muito mais do que um documento formal de revitalização hídrica, antes se constrói uma ponte dialógica de troca de saberes, uma vez que estas comunidades tradicionais quilombolas possuem seus próprios saberes, costumes que fornecem matéria prima de tantos estudos empíricos, base da ciência na sua contemporaneidade.

Outrossim, podemos estreitar laços para fazer valer o tripé ensino-pesquisa- extensão, tríade necessária para o ensino superior abrindo caminhos e perspectivas de novos olhares que rompam com a lógica preconceituosa sofrida por tais comunidades tradicionais, inaugurando um novo tempo de respeito, inclusão, democracia, liberdade, princípios norteadores dos Direitos Humanos.

6. Referências

BARBOSA DE AQUINO, T. R.; DAS CHAGAS SILVEIRA SOUZA, F.; PERLIN, A. P. Planos e programas de prevenção e mitigação de impactos socioambientais: uma análise dos empreendimentos de energia eólica do Rio Grande do Norte – Brasil, entre 2010 e 2023. **Revista Ciência Geográfica**, *[S. l.]*, v. 28, n. 2, p. 314–324, 2024. DOI: 10.18817/26755122.28.2.2024.3849. Disponível em: https://ppg.revistas.uema.br/index.php/cienciageografica/article/view/3849. Acesso em: 8 ago. 2025.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
FARIAS, Andreza Raquel Barbosa de, et al. Saúde mental e implantação de parques eólicos: um estudo de caso no semiárido brasileiro. **Revista Saúde e Meio Ambiente**, v. 12, n. 1, p. 154-166, 2021.

FLICK, Uwe. **Método de Pesquisa**: introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NUNES, Alissandra Trajano; SILVA, Taline Cristina da; FARIAS, Andreza Raquel Barbosa de; ANDRADE, Horasa Maria Lima da Silva; ANDRADE , Luciano Pires de. Diagnóstico rápido participativo sobre os impactos da usina eólica nas comunidades rurais de Caetés-PE. **Diversitas Journal**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 2072–2083, 2021. DOI: 10.17648/diversitas-journal-v6i2-1793. Disponível em: https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/1793. Acesso em: 8 ago. 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 79, p. 71-94, nov. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>. Acesso em: [data de acesso no formato dia mês abreviado. ano].

SILVEIRA, Maria de Fátima Souza da. Ailton Krenak e a descolonização do pensamento no Brasil. Anais do 20º Congresso Brasileiro de Sociologia. UFPA, 2021.

SOUSA, J. de A. **Etnografando a Pitombeira (Várzea/PB)** – disputas e divergências entre origens e direitos a [uma] identidade quilombola. 2011. 225 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2011. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/jspui/handle/riufcg/4102.